


Tema: Política Nacional/Governo/AR/Partidos				Âmbito: n.a.	Tiragem: 159000
Título: A formação dos futuros políticos				Temática: n.a.	GRP: 8.7
2003/09/13	EXPRESSO – PRINCIPAL	Pág.16		Imagem: 1/1	Periodicidade: n.a.

A formação dos futuros políticos

TODOS os dias, antes de cada jantar da «Universidade de Verão» do PSD, para o qual era sempre convidado um ministro, os «jotas» subiam aos quartos para vestir um blazer e pôr perfume. A situação não pedia menos, já que a juventude «laranja» aspira ao profissionalismo. Como pode ver-se por alguns exemplos no livro «Quem é quem» distribuído a todos os participantes: quatro querem ser presidentes de câmara, outros tantos querem ser deputados, cinco aspiram à advocacia, dois apontam para o Parlamento Europeu.

Aliás, o profissionalismo foi o mote da semana passada em Castelo de Vide, onde os 84 membros ou simpatizantes da JSD estiveram reunidos para formação política. Sob o rigoroso comando do «magnífico reitor», como era conhecido o eurodeputado Carlos Coelho, as fugas à organização foram poucas.

As aulas começavam impreterivelmente às 10h e prolongavam-se até às 17h30, com um breve intervalo para almoço. Em seguida, os dez grupos em que estavam divididos os estudantes preparavam as perguntas para o governante que os visitaria ao jantar. A conferência, seguida de debate, nunca acabava antes da meia-noite.

Sujeitos ao escrutínio da juventude social-democrata estiveram Costa Neves, Miguel Relvas, Jorge Moreira da Silva, José Correia, Fernando Seara — que arrebatou a plateia com a sua palestra batendo todos os recordes de popularidade dos «professores» —, Agostinho Branquinho, Nogueira Leite e Diogo Vasconcelos. O presidente da Assembleia da República, Mota Amaral, inaugurou os jantares-conferência. Seguiram-se-lhe Bagão Félix, Morais Sarmiento, Manuela Ferreira Leite e David Justino. Hoje, é a vez do próprio primeiro-ministro encerrar a universidade.

Com um horário tão apertado, a vida universitária ainda mais se complicava na medida em que os estudantes tinham de preparar intervenções, dar sugestões e elaborar as rubricas para o jornal do evento. O «JUV» foi, aliás, um «ex libris» da iniciativa. Sob a direcção de Carlos Coelho, todos os dias eram editadas quatro páginas, que estavam prontas para «sair para as bancas» — leia-se: para ser distribuído pelos quartos dos estudantes — antes do pequeno-almoço e que relatava as actividades da véspera.

Aos convidados-professores foi pedido que dessem uma «aula» sobre a sua especialidade. E, na opinião de Pedro e Luís, dois jotas de Lisboa, o objectivo foi conseguido: pois até «**deu para falar fora do âmbito do partido**». Ainda assim, «**alguns convidados não perceberam o ambiente que se vive aqui**» e fugiram a algumas perguntas da assistência, lamentaram. Os jovens estiveram tão competentes no seu papel de «pequenos políticos» que até chegaram a pedir reuniões extraordinárias para mudar o «regimento» da universidade ou a pedir declarações de voto, como a da delegação madeirense que pretendia a inclusão das ilhas nos mapas de estudo.

Os 84 participantes eram oriundos de todo o país, com idades compreendidas entre os 17 e os 31 anos. A quota feminina chegava a um terço e, se 50% eram licenciados, a grande maioria eram estudantes universitários. Entre os presentes, estavam dois vereadores, um futuro assessor do Governo Central e outro de um Governo Civil, bem como vários autarcas. A iniciativa teve o apoio do Instituto Sá Carneiro, que pagou a estadia e a alimentação dos «laranjinhas».

A.S.